

SYLVAIN TESSON

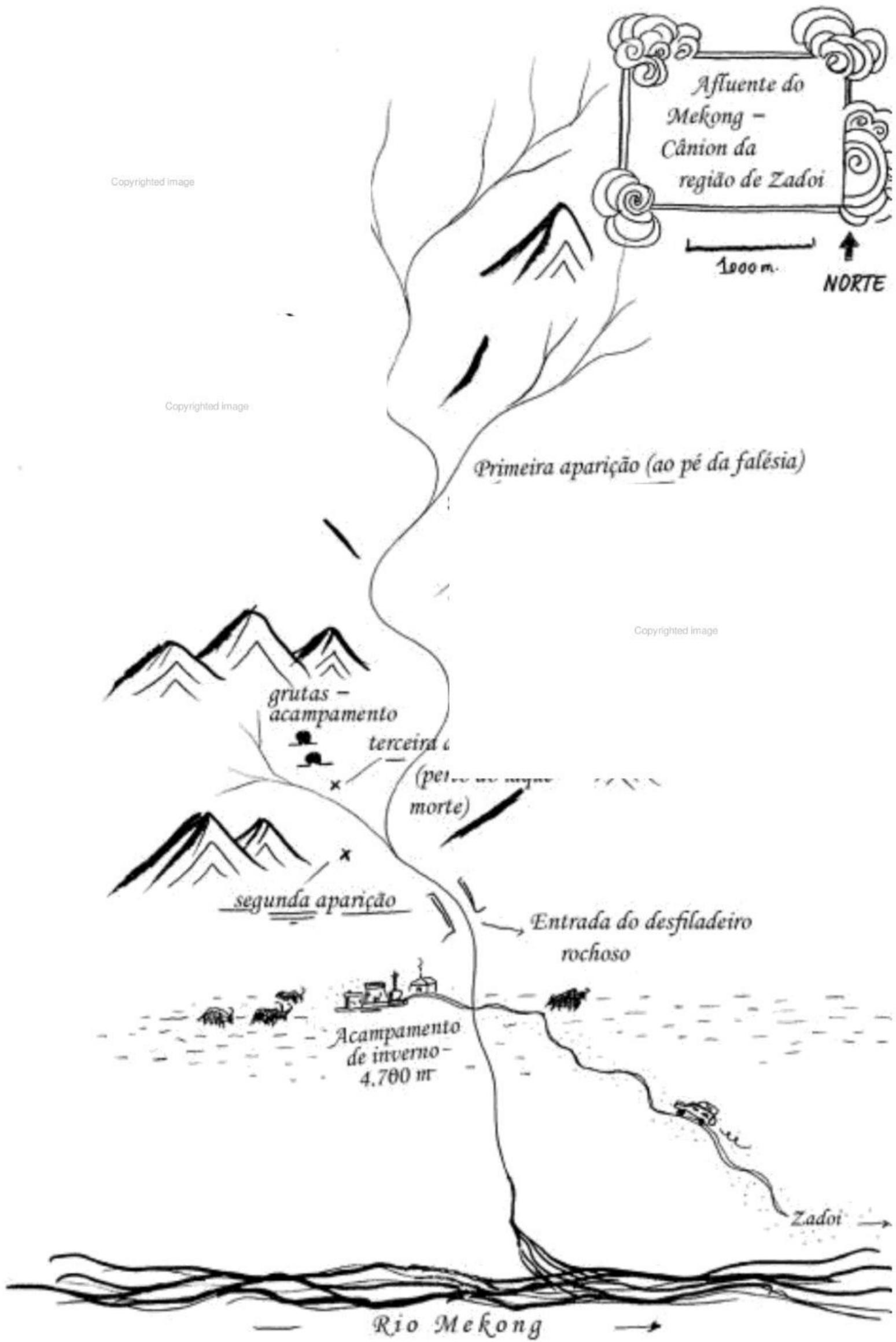
**A PANTERA
DAS NEVES**

Tradução de JULIA DA ROSA SIMÕES



Copyrighted image

1620



Copyrighted image

Copyrighted image

Copyrighted image

APRESENTAÇÃO

Conheci-o num domingo de Páscoa, durante a projeção de seu filme sobre o lobo-abissínio. Ele me falou da intangibilidade dos animais e de uma virtude suprema: a paciência. Contou-me sua vida de fotógrafo de animais e detalhou as técnicas de espreita. Era uma arte sutil e refinada, que consistia em camuflar-se na natureza à espera de um animal que talvez não aparecesse. As chances de voltar de mãos vazias eram grandes. A aceitação da incerteza me pareceu muito nobre - por isso mesmo, antimoderna.

Eu, que adorava percorrer caminhos e estradas, aceitaria permanecer imóvel e silencioso por horas a fio?

Escondido no meio das urtigas com Munier, eu obedecia: nenhum gesto, nenhum barulho. Podia respirar, única banalidade autorizada. Nas cidades, havia adquirido o hábito de tagarelar por qualquer coisa. O mais difícil era não abrir a boca. Charutos estavam proibidos. “Fumaremos mais tarde, numa ribanceira do rio, estará escuro e enevoado!”, dissera Munier. A perspectiva de queimar um havana às margens do Mosela tornava suportável a posição deitada, à espreita.

Os pássaros do túnel verde riscavam o ar da noite. A vida pululava. As aves não perturbavam os espíritos do lugar. Pertencentes àquele mundo, não abalavam sua ordem. Havia beleza. O rio corria a cem metros. Enxames de libélulas sobrevoavam a superfície, vorazes. Na margem oeste, um falcão caçava. Voo majestoso, preciso, mortal - um Stuka.

Não era o momento de se deixar distrair: dois adultos saíam da

toca.

Até a chegada da noite, uma mistura de leveza, graça e autoridade. Os dois texugos passaram adiante algum sinal? Quatro cabeças apareceram e sombras saíram das galerias. As brincadeiras ao crepúsculo começaram. Estávamos a dez metros de distância e os animais não nos viam. Os jovens texugos brigavam, escalavam uma encosta, rolavam para dentro da toca, mordiam-se a nuca e recebiam o peteleco de um adulto que colocava um pouco de ordem naquele circo. As pelagens negras com três linhas brancas desapareciam entre as folhagens, voltavam a aparecer mais adiante. Os animais se preparavam para esquadrihar campos e margens. Eles se aqueciam antes da escuridão.

Às vezes, um dos texugos se aproximava de onde estávamos e alongava o longo focinho, que num movimento de cabeça ficava bem de frente para nós. As faixas escuras dos olhos desenhavam duas manchas melancólicas. Ele avançava mais um pouco, víamos as patas plantígradas, fortes, voltadas para dentro. As garras deixavam no solo da França pegadas como as de pequenos ursos, e certos homens pouco hábeis no julgamento de si mesmos identificavam-nas como vestígios de “espécies daninhas”.

Era a primeira vez que eu me mantinha parado com tanta calma, na esperança de um encontro. Eu não me reconhecia! Até então, havia viajado da Iacútia ao Seine-et-Oise seguindo três princípios:

O imprevisto nunca vem até nós, é preciso espreitá-lo em toda parte.

O movimento fecunda a inspiração.

O tédio corre menos que um homem apressado.

Em suma, eu me convencia da existência de uma relação entre a distância e o interesse dos acontecimentos. Considerava a imobilidade um ensaio geral para a morte. Em deferência a minha mãe, que repousava num túmulo às margens do Sena, eu vagava com frenesi - sábados na montanha, domingos na praia - sem prestar atenção ao que acontecia a meu redor. Como é que milhares de quilômetros de viagem um dia me levaram a ficar com o queixo na grama, à beira de um buraco?

Perto de mim, Vincent Munier fotografava os texugos. Sua massa muscular dissimulada pela camuflagem se confundia com a vegetação, mas seu perfil ainda se delineava sob o lusco-fusco. Ele tinha um rosto de linhas retas e arestas alongadas, feito para dar ordens, um nariz que despertava a zombaria dos asiáticos, um queixo escultural e um olhar muito doce. Um gigante amigo.

Ele me falou da infância, do pai que se escondia com ele embaixo de um pinheiro para assistir ao despertar do rei, o tetraz-grande; do pai que ensinava as promessas do silêncio ao filho; do filho que aprendia o valor das noites sobre a terra gelada; do pai que explicava que a aparição de um animal representava a mais bela recompensa que a vida pode oferecer ao amor à vida; do filho que fazia suas próprias espreitas e descobria sozinho os segredos da organização do mundo, aprendendo a capturar o voo de um noitibó; do pai que descobria as fotografias artísticas do filho. O Munier de quarenta anos, a meu lado, nasceu de uma noite dos Vosges. Tornara-se o maior fotógrafo de animais de seu tempo. Suas impecáveis imagens de lobos, ursos e gruas eram postas à venda em Nova York.

“Tesson, vou levá-lo para ver texugos na floresta”, ele me

dissera e eu aceitara, porque ninguém recusa o convite de um artista a seu ateliê. Ele não sabia que Tesson significava *texugo* em francês antigo. A palavra ainda era usada no dialeto do oeste da França e da Picardia. “Tesson” havia nascido de uma corruptela do *taxos* latino, de onde vinham as palavras “taxonomia”, ciência da classificação dos animais, e “taxidermia”, arte de empalhar animais (o homem gosta de matar o que acaba de nomear). Nos mapas do estado-maior francês encontrávamos “tessonnières”, locais campestres que carregavam a marca de holocaustos. Pois o texugo era odiado nos campos e irreprensivelmente destruído. Acusavam-no de escavar o solo, de romper as sebes. Ele era fumigado, perseguido. Mereceria essa obstinação dos homens? Era um ser vivo taciturno, um animal noturno e solitário. Tinha uma vida dissimulada, reinava na escuridão, não suportava visitantes. Ele sabia que a paz precisava ser defendida. Saía de seus esconderijos à noite e voltava ao amanhecer. Como o homem poderia tolerar a existência de um símbolo da discricção, que erigia a distância em virtude e honrava o silêncio? As fichas zoológicas descreviam o texugo como “monogâmico e sedentário”. A etimologia me ligava ao animal, mas eu não me identificava com sua natureza.

A noite caiu, os animais se espalharam pelos campos, ouvimos seu farfalhar. Munier deve ter percebido minha alegria. Aquela noite foi uma das mais belas de minha vida. Conheci um bando de seres vivos absolutamente soberanos. Eles não lutavam para escapar de sua condição. Voltamos à estrada pela margem do rio. Em meu bolso, os charutos estavam amassados.

– Faz dez anos que estou atrás de um animal que vive nos